

Um susto diante do espelho: o envelhecimento na obra poética de Mario Quintana

Márcia Helena Saldanha Barbosa*
Nathalia Sabino Ribas**

Resumo

Com base nas teses postuladas por Simone de Beauvoir em *A velhice* e nos conceitos da antropologia literária de Wolfgang Iser, examina-se o modo pelo qual o eu-lírico, na *Poesia completa* de Mario Quintana, aborda a questão do envelhecimento humano. Os objetivos do estudo são: analisar as operações e os procedimentos por meio dos quais os textos poéticos selecionados retomam o tema em foco; detectar, no universo poético, as relações que se estabelecem entre o estatuto social atribuído ao velho e a imagem que este faz de si, identificando a caracterização física e emocional do idoso; finalmente, verificar se este evoca lembranças da infância na velhice. A análise efetuada permite afirmar que, para o sujeito poético, envelhecer é aprender a ser outro, vendo o mundo e a si mesmo para além das imposições do tempo e da sociedade. Esse aprendizado, uma vez adquirido, preserva sua capacidade de so-

nhar, apesar da brevidade do tempo que lhe resta e dos temores que o invadem na última fase da vida.

Palavras-chave: Poesia. Envelhecimento humano. Mario Quintana.

O velho e sua relação com o tempo

Simone de Beauvoir (1990, p. 460) ressalta que, a partir de um limiar variável de acordo com cada indivíduo, o velho se dá conta de seu destino biológico: “O número de anos que lhe

* Professora do PPGL da Universidade de Passo Fundo.

** Mestre em Letras – Estudos Literários (UPF). Professora responsável pela Oficina Literária da Coordenadoria de Atenção ao Idoso, da Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

Data de submissão: julho de 2008. Data de aceite outubro de 2008.

resta para viver é limitado”. Por isso, ele percebe o tempo de forma diferente: “Descobriu sua finitude, ao passo que, no início de sua vida, ignorava-a” (p. 464). Na infância, as possibilidades que via diante de si eram tão múltiplas e vagas que lhe pareciam ilimitadas, de modo que o futuro no qual ele as projetava se dilatava até o infinito para acolhê-las. Em contrapartida, na velhice, sua vida já está constituída e não pode mais ser reformada. Portanto, para o velho o futuro não mais se apresenta repleto de promessas; ao contrário, “contraí-se na medida do ser finito que tem que vivê-lo” (p. 465).

A filósofa (1990, p. 443) defende a ideia de que a consciência dessa brevidade é responsável por modificações psicológicas importantes no velho, como, por exemplo, o grau exacerbado de intolerância que ele passa a apresentar: “O amor, a confiança, e todas as satisfações que ele reivindica, é preciso que as obtenha imediatamente, ou nunca.” Desse modo, Beauvoir (1990, p. 466) constata que a situação a ser enfrentada pelo indivíduo idoso é a de um passado imobilizado e de um futuro limitado.

Assim, o homem idoso interioriza seu passado sob a forma de imagens, de fantasmas, de atitudes afetivas, dependendo dele para a definição de sua situação atual e para sua abertura em direção ao futuro (BEAUVOIR,

1990, p. 459). Porém, a memória exige que os circuitos nervosos responsáveis pela revivescência dessas imagens permaneçam intactos. Além disso, a memória depende do esquecimento, o que leva a que muitos acontecimentos não sejam retidos, ou sejam substituídos por outros.

Portanto, é pertinente considerar que as imagens de que o indivíduo dispõe estão bem longe de ter a riqueza de seu objeto; ao contrário, são repletas de lacunas, não podendo ressuscitar para ele o mundo real do qual emanam. Beauvoir (p. 459) constata, no entanto, que essa pobreza de imagens não desanima o indivíduo idoso, pois ele não procura fazer para si próprio um relato detalhado e coeso de seus primeiros anos de vida, mas mergulhar de novo neles.

Beauvoir salienta que a predileção da maioria dos velhos pelas lembranças que remetem à infância demonstra sua recusa em assumir o que são no presente; é como se definissem o seu antigo eu como aquele que continuam a ser. Assim, se o idoso se sente frustrado no momento presente, é comum que se volte com orgulho para o seu passado. Da mesma forma, se o futuro que pressente o decepciona, ele se escora em suas lembranças, fazendo delas um escudo ou mesmo uma arma (BEAUVOIR, 1990, p. 455).

A autora (1990, p. 459) acrescenta que o velho se sente inclinado a retor-

nar à infância porque, na verdade, ela não deixou de habitá-lo e também porque, por meio dela, tenta organizar sua existência: “O velho tenta fundar sua existência, assumindo seu nascimento, seus primeiros anos de vida. A aliança infância-velhice que constatamos num plano sociológico é interiorizada pelo indivíduo. No momento de sair da vida, ele se reconhece no bebê que saía dos limbos” (p. 459).

Segundo Beauvoir (1990, p. 456), há ainda outra razão capaz de explicar a predominância de lembranças infantis na velhice: se, na fase adulta, o homem esteve muito ocupado em encontrar um equilíbrio para as questões de ordem prática, em sua velhice essa tensão se alivia e as imagens antigas conseguem ser evocadas naturalmente. Por fim, a filósofa (p. 463) observa que, se as lembranças afetivas evocadas da infância são tão preciosas, é porque, durante um breve instante, colocam o indivíduo novamente de posse de um futuro sem limites.

A literatura e sua relação com a sociedade

Em *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*, Wolfgang Iser (1996) reflete acerca dos dois polos que marcaram, ao longo do tempo, as relações entre ficção e realidade: um que procurou apreender

aquilo que é literário na literatura e outro que a concebe como mera representação da sociedade. A posição adotada pelo teórico no que diz respeito a essa polarização é a de recusa em optar por uma das duas tendências mencionadas. Assim, com o objetivo de superar tal paroxismo, Iser propõe uma resposta para o seguinte problema: Como o texto ficcional “contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real?” Cabe ressaltar que tal questão se refere não apenas à relação entre literatura e realidade social, mas também à relação entre o texto ficcional e a realidade de ordem sentimental e emocional.

De acordo com Iser (1996), estabelecer uma distinção entre realidade e ficção com base na ideia de oposição viria suprimir as realidades sentimental e emocional da discussão sobre o fictício no texto literário. Segundo o teórico, essa relação dupla deveria ser substituída por uma relação tríplice, ou triádica, entre o real, o fictício e o imaginário, na medida em que essas realidades diversas – social, sentimental e emocional – não são ficções, tampouco se transformam em fatos reais pela sua introdução no universo ficcional; do mesmo modo que, introduzidas no texto literário, tais realidades não se repetem nele “por efeito de si mesmas”.

Iser afirma que tal fenômeno se explica porque a literatura se refere à realidade sem se esgotar nessa referência ao real. Nesse sentido, a repetição consiste num ato de fingir por meio do qual emergem finalidades que não fazem parte da realidade repetida. No fingir surge um imaginário relacionado à realidade retomada pelo texto. Desse modo, a determinação da realidade da vida real, repetida em signo de outra coisa, é transgredida por força de seu emprego e sofre um processo de irrealização. Inversamente, o imaginário – que fora da literatura é experimentado de modo difuso, informe e fluido –, ao receber uma determinada configuração, ganha um aspecto de realidade, uma aparência de real, alcançando sua realização.

Na concepção de Iser (1996), o texto ficcional insere-se no mundo ao decompor suas estruturas de organização, não ao imitá-las, o que justifica a necessidade de seleção imposta à obra literária. O ato de seleção requer uma ruptura na estrutura de organização e na validade dos sistemas pré-existent, sejam eles contextos de natureza sociocultural, sejam textos literários a que se referem novos textos. Essa operação, ao deslocar e introduzir certos elementos – normas, valores, citações e alusões – em novos contextos, converte em objeto da percepção os sistemas dos quais tais elementos faziam parte. Iser

salienta que à seleção, enquanto ato de fingir, corresponde a combinação dos elementos linguísticos, semânticos e discursivos na composição do texto literário.

Pelo fato de operarem com uma noção ampla de realidade, em que se inclui a realidade social, bem como a realidade de ordem sentimental e emocional, os conceitos postulados pela antropologia literária de Wolfgang Iser revelam-se adequados ao estudo que será realizado a seguir.

O sujeito poético entre sucessivas idades

Por ocasião da morte de Mario Quintana,¹ o jornal *Zero Hora* publicou em sua homenagem uma matéria intitulada “O anjo disfarçado tinha jeito de guri e rosto de avô.” A expressão aqui destacada pelo emprego do itálico fora utilizada pelo escritor Erico Verissimo, que, no texto de abertura de *Pé de pilão*, assim definira o colega de ofício: “[...] Quintana, na verdade, é um anjo disfarçado de homem. Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora.” Doze anos após a morte do poeta, em comemoração ao centenário do seu nascimento, o mesmo jornal² traz de novo o tema do anjo associado ao seu nome, tratando da tendência romântica de se confundir a biografia do escritor com aspectos de sua obra.

Essa tendência se originou da ideia de que seus poemas eram, em grande parte, iguais ao próprio poeta. De fato, a recorrência da figura do anjo em muitos de seus poemas levou a que Quintana passasse a ser visto como um “anjo poeta”, alcunha mais conhecida no imaginário popular do que a própria obra do autor, conforme destaca Carvalho.³ Essa imagem, uma vez difundida, acabou sendo apreendida por um público que hoje “o resume como um velhinho benfazejo que peregrinava pela Rua da Praia durante a Feira do Livro, o pitoresco velhinho que morou no Hotel Magestic, autor de ‘O mapa’, do ‘poema do passarinho’ e de meia dúzia de outros versos – sempre os mesmos – repetidos à exaustão”.⁴

Nesse sentido, Antonio Holfeldt lembra que “criou-se uma imagem de Mario muito próxima à do Papai Noel; ele virou um bom velhinho e isso deixou de lado aspectos importantes da sua obra, como a ironia ferina e uma certa melancolia”.⁵ Assim, quando a fragilidade física do poeta passou a se acentuar em decorrência da idade, acabou-se por disfarçar o velho de anjo, de modo que a fragilidade física de Quintana na velhice parece ter sido responsável, em parte, por transformá-lo numa “espécie de patrimônio afetivo do Estado”.⁶

Apesar da – ou em virtude da – popularidade alcançada pela pessoa e

pelos textos poéticos de Mario Quintana, durante muito tempo a crítica acadêmica tendeu a subestimar o grau de realização estética de seu trabalho literário, chegando até mesmo a considerá-lo como um escritor de temas pueris. “Alguns críticos”, como ressalta Becker (1996, p. 73-74), “talvez movidos pela presença, em sua obra, de temas e formas que remetem à infância, reconhecem no poeta apenas o menino que se recusa a crescer e ficou preso no mundo encantado da meninice”. De acordo com o ensaísta, o crítico Paulo Hecker Filho chega a acusá-lo de “representar sempre o mesmo papel de ‘menino perplexo’, que não procura chegar a ‘nenhuma consciente maturidade, ao núcleo da vida’”. Todavia, tal interpretação se mostra precipitada quando são compreendidos os significados que a obra em questão esconde por trás de uma aparente simplicidade.

A análise a ser efetuada, portanto, não terá como propósito verificar se o escritor que acreditava ser “preciso conservar a criança que se tem dentro de si”⁷ manteve-se um “guri” ao se tornar velho, tal como foi anunciado no jornal mencionado. Neste estudo serão examinados os recursos utilizados por Quintana na construção do sujeito poético de sua obra, quando este é considerado velho, enfatizando-se o modo pelo qual o eu-lírico se expressa

na última fase da vida acerca das lembranças relativas à sua infância.

A reflexão tem início com a análise do poema “Envelhecer” (SF, p. 174),⁸ que, “sem comprometer sua complexidade intrínseca, sintetiza em apenas quatro versos toda uma fase da vida humana” (BECKER, 1996, p. 130): “Antes todos os caminhos iam./ Agora todos os caminhos vêm./ A casa é acolhedora, os livros poucos./ E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.”

Nesse quarteto o sujeito poético compara a passagem do tempo a uma estrada de mão dupla, associando a juventude a uma trilha que leva a novas descobertas e a velhice, a um atalho que conduz ao isolamento e à morte. O eu-lírico, no entanto, não demonstra qualquer tipo de desespero diante deste último “caminho”; ao contrário, fala dele com profunda resignação, convivendo em harmonia com as metamorfoses que o envelhecimento traz.

Colocando lado a lado esse quarteto e o poema “Do mal da velhice” (CH, p. 226), é possível perceber o contraponto que se estabelece entre ambos, pois o sujeito poético do segundo texto demonstra maior dificuldade em aceitar o peso da idade: “Chega a velhice um dia... E a gente ainda pensa/ Que vive... E adora ainda mais a vida!/ Como o enfermo que em vez de dar combate à doença/ Busca torná-la ainda mais comprida...”. Desde o título, torna-se evidente o desprezo que o

eu-lírico nutre pela velhice, vista como um período em que as pessoas deixam de viver e passam apenas a encomprar “ainda mais” a “doença” que esta fase representa. Em outras palavras, entende-se que, para o sujeito poético, a longevidade situa o ser humano diante de um paradoxo: o desejo de prolongar uma vida que – sendo marcada por limitações de vária ordem – já não merece esse nome.

Quintana, autor de textos cujo “tom transita do lírico ao irônico” (BECKER, 1996, p. 211), também aborda o tema com bom humor em certas ocasiões, como mostra ao compor “Reflexos, Reflexões...” (VH, p. 543), do qual se transcreve o trecho a seguir: “Velhice é quando um dia as moças começam a nos tratar com respeito e os rapazes sem respeito nenhum.” Nota-se no fragmento a capacidade que o eu-lírico quintaniano possui de rir de si mesmo. Porém, apesar de um tanto engraçado, o trecho denuncia o preconceito das gerações mais novas em relação ao velho, que, em geral, é classificado como impotente e, também, como improdutivo, especialmente no que se refere à sua sexualidade.

Outro assunto relacionado à idade madura que recebe igual atenção por parte da lírica quintaniana é a questão “Da experiência” (EM, p. 229): “A experiência de nada serve a gente./ É um médico tardio, distraído:/ Põe-se a forjar receitas quando o doente/ Já está

perdido...”. Neste quarteto o acúmulo de conhecimentos que o passar dos anos propicia ao eu-lírico vincula-se ao campo semântico da palavra “doença”, tal como fora constatado em relação a outro texto do autor. Segundo o poema, a experiência de vida é tão útil ao velho quanto é, para o “doente perdido”, a receita forjada pelo “médico tardio”. Tem-se aqui, mais uma vez, a aproximação da figura do velho à imagem do enfermo em fase terminal. Portanto, não há como aplicar a experiência adquirida quando o fim da vida se aproxima.

A propósito, a ideia de que a espera pela morte é tudo o que resta ao velho ganha destaque também no poema transcrito a seguir, intitulado “Cadeira de balanço” (AHS, p. 448):

Quando elas se acordam
do sono, se espantam
das gotas de orvalho
na orla das saias,
dos fios de relva
nos negros sapatos,
quando elas se acordam
na sala de sempre,
na velha cadeira
em que a morte as embala...

E olhando o relógio
de junto à janela
onde a única hora,
que era a da sesta,
parou como gota que ia cair,
perpassa no rosto
de cada avozinha
um susto do mundo
que está deste lado...
Que sonho sonhei

que sinto inda um gosto
de beijo apressado?
- diz uma e se espanta:
Que idade terei?
Diz outra: - eu corria
menina em um parque...
e como saberia
o tempo que era?

Os pensamentos delas
já não têm sentido...

A morte as embala,
as avozinhas dormem
na deserta sala
onde o relógio marca
a nenhuma hora

enquanto suas almas
vêm sonhar no tempo
o sonho vão do mundo...
e depois se acordam
na sala de sempre
na velha cadeira
em que a morte as embala...

O poema focaliza a rotina de algumas “avozinhas” que passam seus dias “na velha cadeira em que a morte as embala”. No texto ganha destaque a estereotipada imagem de velhas que têm como único compromisso a “sesta”, como indica o relógio, que marca “a nenhuma hora”, ou seja, a estaticidade dessa fase da existência. Como estão “caducas” – “seus pensamentos já não têm sentido” –, resta-lhes somente o abandono e a fuga “do mundo que está deste lado”, a qual se dá por meio do sonho. Talvez sonhar seja apenas uma outra forma de se aproximarem da morte, ou, ainda, a única forma de

estarem vivas – relembrando a juventude e os amores do passado –, em meio à solidão da “deserta sala”.

Além disso, a relação que se estabelece entre a época pregressa e o sonho sugere que a passagem rápida do tempo, ao conduzir da infância e da juventude à velhice, causa uma espécie de estranhamento ou desorientação no indivíduo. Este, a despeito da proximidade da morte, ainda sente o passado muito perto de si – “Que sonho sonhei/ que sinto inda um gosto/ de beijo apressado?” –, o que também pode estar associado ao fato de que os velhos guardam, sobretudo, as lembranças mais remotas, ao passo que esquecem acontecimentos recentes muitas vezes.

No poema “Frustração” (CH, p. 245) o eu-lírico revela a sensação de inércia que a velhice desencadeia em si: “Outono: essas folhas que tombam na água parada dos tanques e não podem sair viajando pelas correntezas do mundo.” Neste texto o “outono” surge como metáfora da fase madura da vida, na qual o sujeito poético, tal como as folhas que tombam num espaço exíguo, sente-se preso. Cabe salientar aqui o conteúdo negativo da expressão “tombam”, a qual remete ao sentimento de decadência que o processo de envelhecer pode despertar no ser humano.

O texto intitulado “Terapias” (PMT, p. 643) reforça a noção de velhice como período de estagnação: “Pílulas das

mais variadas cores, cada uma para as diversas horas do dia. Isso não quer dizer que curasse os velhinhos, não. Mas sempre dava um colorido à mesmice de suas vidas.” Ao contrário do poema examinado anteriormente, no qual as velhas sentadas “na deserta sala” possuem como único compromisso “a hora da sesta”, este sugere, de forma bem-humorada, que o ato de medicar-se acaba se tornando uma forma de amenizar a “mesmice” que marca a vida dos velhinhos. Assim, o “colorido” a mais de que fala o texto refere-se ao dinamismo que faz a existência adquirir sentido e que está presente, de forma especial, na infância, como confirmam os “Verbetes” (VH, p. 527): “Infância – A vida em tectoncolor./ Velhice – A vida em preto-e-branco.”

Ainda que, em virtude de sua falta de cor, a velhice se contraponha à infância em determinados textos, em outros, como é o caso de “Viver” (SF, p. 180), a criança e o velho – representados, respectivamente, por Lili e vovô – são colocados lado a lado:

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.

Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos...

No texto acima dois aspectos ganham destaque: a relação do velho com o tempo e a aliança que a neta e o avô podem estabelecer entre si. O primeiro verso do texto revela um tom de comemoração, uma vez que, restando pouco tempo ao vovô, um dia a mais em sua vida representa num ganho incomparável. Essa consciência da brevidade de seu futuro permite que ele não suporte esperar “além de cinco minutos” para satisfazer aos seus desejos. Do mesmo modo, Lili sente pressa por estar alheia à lógica temporal que o mundo adulto impõe aos indivíduos. Beauvoir (1990, p. 461) observa que, “no que diz respeito à criança, as horas parecem longas”, pois “o tempo no qual ela se move lhe é imposto, é o tempo dos adultos; não sabe medi-lo nem prevê-lo, fica perdida no seio de um devir sem começo nem fim”.

Assim, à espera do café, o velho pode mostrar-se impertinente pela consciência da proximidade da morte, e a criança, por estar sujeita ao “tempo dos adultos”⁹. Igualmente, o texto evidencia que tanto vovô quanto Lili parecem estar numa condição de dependência, na medida em que ambos aguardam o café ser preparado e servido por outrem. Desse modo, é possível afirmar que tal situação é responsável, em parte, pela aproximação e pela cumplicidade existente entre o avô e a neta.

“Soneto VIII” (RC, p. 92), por sua vez, apresenta a voz nostálgica de um eu-lírico envelhecido:

Recordo ainda... E nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditei...
Que envelheceu, um dia, de repente!...

Nesse texto se faz presente, novamente, a ideia de que para o ser humano o envelhecimento pode aparecer não como um processo gradual, mas como um evento repentino. Essa percepção, comum entre os indivíduos, faz lembrar a observação de Beauvoir (1990, p. 11) na introdução de sua obra: “Não é num instante que ficamos velhos [...]. Nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisto que a velhice”. Conforme o poema evidencia, a velhice é comparada a “um vento de desesperança” que chega “um dia, de repente”, levando o indivíduo a abandonar seus “brinquedos de criança” – que, neste caso, parecem simbolizar a pureza e a inocência infantis – para “seguir estrada afora”, ou seja, para amadurecer. Porém, a “idade” e o “senso” que o velho adquire são apenas

aparentes, pois não o fazem perder-se da criança que foi, na medida em que ele deseja, na fase atual da vida, recuperar os “brinquedos” dos quais teve de abrir mão um dia.

A respeito de tal desejo, Becker (1996, p. 47) observa que, “em alguns momentos”, como é o caso desse soneto, “o poeta sente vontade de regredir à infância, concebida como um tempo mágico e não problemático”, da mesma forma que às vezes sente vontade de morrer: “Entretanto, nem a morte nem a infância constituem um bálsamo suficiente, esta porque já se foi, aquela porque ainda não veio.”

Ao contrário do que acontece com o eu-lírico de “Soneto VIII” – o qual, embora pense ter envelhecido “de repente”, está consciente da sua própria condição –, o sujeito poético de “O velho do espelho” (AHS, p. 410) leva um susto ao se deparar com sua imagem transformada pelo tempo:

Por acaso, surpreendo-me no espelho:
[quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que
[eu?
Porém, seu rosto... é cada vez menos
[estranho...
Meu Deus, meu Deus... Parece
Meu velho pai – que já morreu!
Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar – duro – interroga:
“o que fizeste de mim?!”
Eu, Pai?! Tu é que me invadiste ,
Lentamente, ruga a ruga... Que importa?
[Eu sou, ainda,
Aquele mesmo menino teimoso de
[sempre

E os teus planos enfim lá se foram por
[terra.

Mas sei que vi, um dia – a longa, a inútil
[guerra! –

Vi sorrir, nesses cansados olhos, um
[orgulho triste...

Admirado por se ver diante de um “rosto onde escorre o tempo” (AHS, p. 392), o sujeito poético questiona: “Quem é esse/ Que me olha e é tão *mais velho do que eu*?” Cabe ressaltar que a parte do verso transcrito grifada possui a mesma estrutura sintática e rítmica da parte da pergunta feita tantas vezes diante do espelho mágico pela madrastra da história de Branca de Neve:¹⁰ “*Existe alguém no mundo mais belo do que eu?*”

Ora, de certo modo, pode-se dizer que o espelho no qual o sujeito poético se observa também é mágico; afinal, por meio desse objeto ele consegue estabelecer um encontro imaginário com o “velho pai que já morreu”, cuja imagem agora se (con)funde com seu próprio perfil. Essa fusão é expressa linguisticamente no verso “Como pude ficarmos assim?”, por meio da proposital discordância entre, de um lado, o sujeito – “eu” – e o primeiro verbo da locução verbal – “pude” –, conjugado na primeira pessoa do singular, e, de outro lado, o segundo verbo dessa locução – “ficarmos” –, conjugado na primeira pessoa do plural.

Outra marca linguística que denota a fusão da imagem do sujeito poético

com a de seu pai pode ser encontrada no seguinte trecho: “Nosso olhar – duro – interroga: ‘o que fizeste de mim?!’” Essa pergunta dirigida de pai para filho, e vice-versa, é respondida pelo “mesmo menino teimoso de sempre”, que se defende: “Eu, Pai?! Tu é que me invadiste,/ Lentamente, ruga a ruga...” Neste último verso se verifica que o eu-lírico toma consciência de que o envelhecimento é um processo lento e gradativo, embora não seja percebido dessa maneira pelo ser humano.

O quarteto intitulado “Da interminável despedida” (EM, p. 222) aborda a dificuldade que o eu-lírico sente de dizer “adeus à mocidade”: “Ó, Mocidade, adeus! Já vai chegar a hora!/ Adeus, adeus... Oh! essa longa despedida.../ E sem notar que há muito ela se foi embora,/ Ficamos a acenar-lhe toda a vida...”

Como é possível constatar nos versos, a voz do sujeito poético remete às reflexões que Beauvoir faz a respeito da percepção do velho sobre si mesmo. Segundo a filósofa, “a velhice” – entendida não como uma fase, mas como resultado de um processo que envolve a “despedida da mocidade” – “aparece mais claramente para os outros do que para o próprio sujeito” e “é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha” (1990, p. 348). Assim, de

acordo com Beauvoir, “é normal que a revelação de nossa idade venha dos outros, uma vez que em nós é o outro que é velho”.

Talvez por esse motivo o eu-lírico de “Aos fantasmas do passado” (SF, p. 183) considere “antipáticos” seus “companheiros de infância”:

– E não te lembras daquela vez em
[que...?
Faço que me lembro. Rio. Solto saudosos
[suspiros e
exclamações de puro gozo. Oh! Que
[monstruosa e
implacável memória a dos nossos
[companheiros de infância...
E depois, como estão envelhecidos, os
[pobres-diabos!
É o que os torna mais antipáticos.

O primeiro verso do poema traz a fala do companheiro de infância que relembra ao eu-lírico um fato antigo, provavelmente protagonizado ou testemunhado por ambos. Os versos seguintes revelam que é difícil para o sujeito poético assumir as falhas de sua memória, a qual já não consegue mais reter algumas lembranças. O último verso mostra, enfim, que o eu-lírico considera seus contemporâneos antipáticos, porque o levam a se dar conta de que, como eles, também está envelhecido. Esses “pobres-diabos” cumprem, então, a mesma função desempenhada pelo espelho no poema antes analisado, ao provocarem no amigo um processo de reconhecimento.

“Quem disse que eu me mudei?” (PV, p. 760) é outro poema onde ecoa a voz de um sujeito poético envelhecido: “Não importa que a tenham demolido:/ A gente continua morando na *velha casa* em que nasceu.” Ao que parece, a expressão grifada revela-se uma metáfora da transfiguração que o corpo do sujeito poético sofre com a chegada da velhice. Assim como “a velha casa” demolida ainda é capaz de abrigar o nascimento e a infância do eu-lírico, o seu corpo, desgastado pelo tempo, continua acolhendo a mesma alma que nele reside desde que veio ao mundo.¹¹ Outra interpretação possível é a de que o eu-lírico parece ter preservado uma capacidade lúdica que se apresenta de forma acentuada na infância: a de deslocar-se no tempo e no espaço por meio da imaginação.

Se, por um lado, a ludicidade é encarada como algo positivo, capaz de fazer o sujeito poético ultrapassar as fronteiras físicas e temporais a seu próprio gosto, por outro, as ilusões podem representar um fardo pesado demais para o ser humano maduro, conforme é possível verificar em “Das ilusões” (EM, p. 214): “Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o./ Com ele ia subindo a ladeira da vida./ E, no entretanto, após cada ilusão perdida.../ Que extraordinária sensação de alívio.”

Destaca-se neste quarteto a metáfora do amadurecimento como uma estrada íngreme, sobre a qual o eu-lírico deixa cair suas ilusões sempre que se depara com a realidade. Ao que parece, a decepção é encarada com resignação e, mais do que isso, com alívio, pelo sujeito poético. A sensação de despojamento e de libertação que advém da perda das ilusões – e, portanto, do desaparecimento de expectativas e de decepções – torna mais leve a caminhada do eu-lírico em seu processo de amadurecimento.

No poema intitulado “As mãos de meu pai” (ET, p. 491), por meio de uma linguagem metafórica, o eu-lírico vai esboçando a imagem da mão de um velho, na qual as manchas marrons da idade fazem o “fundo” e as veias grossas surgem em primeiro plano:

As tuas mãos têm grossas veias como
[cordas azuis
sobre um fundo de manchas já da cor da
[terra

- como são belas tuas mãos
pelo quanto lidaram, acariciaram ou fre-
miram da nobre cólera dos justos...
Porque há nas tuas mãos, meu velho pai,
[essa beleza que se chama
[simplesmente vida.

E, ao entardecer, quando elas repousam
nos braços da tua cadeira predileta,
uma luz parece vir de dentro delas...
Virá dessa chama que pouco a pouco,
[longamente, vieste alimentando
[na terrível solidão do mundo,
como quem junta uns gravetos e tenta
[acendê-los contra o vento?

Ah! Como os fizeste arder, fulgir, com o
[milagre das tuas mãos!
E é, ainda, a vida que transfigura as tuas
[mãos nodosas...
essa chama de vida - que transcende a
[própria vida
...e que os Anjos, um dia, chamarão de
[alma.

Para o sujeito lírico, o belo encontra-se na carapaça marcada pela experiência, pois a “luz” que surge das mãos do “velho pai” representa “essa beleza que se chama simplesmente vida”. Convém ressaltar que o poema apresenta o vocábulo “chama” em diferentes circunstâncias, em cada uma das quais varia a classe gramatical da palavra. Em alguns momentos, o vocábulo exerce a função de substantivo, na medida em que dá nome à luz que parece vir daquelas mãos; em outros, a palavra cumpre papel de verbo, situação que ocorre, por exemplo, na última linha do poema, em que indica uma ação futura. A frequência com que a expressão aparece no poema acaba salientando a metáfora da vida que representa.

Constata-se, ainda, por meio dessa palavra, que o eu-lírico vê a velhice como uma “transfiguração” que aproxima o ser humano da transcendência, ou seja, da morte do corpo e da perenidade da “chama”. Essa luz, que está ligada à ideia de permanência e de transcendência e à qual se podem atribuir distintos significados, também

se faz presente no poema “Luz por dentro” (CH, p. 258):

Mas há uma beleza interior, de dentro para fora, a transluzir de certas avozinhas trêmulas, de certos velhos nodosos e graves como troncos. De que será feita, que nem notamos como a erosão dos anos os terá deformado? Deviam ser caricaturas mas não fazem rir, uns aleijões mas não causam pena. O mesmo não nos acontece ante o penoso espetáculo de um animal velho. Eu gostaria de acreditar que essa inexplicável beleza dos velhos fosse uma prova da existência da alma.

Nesse texto poético, “certas avozinhas trêmulas” e “certos velhos nodosos e graves como troncos” são observados por um sujeito que reflete acerca da beleza interior desses indivíduos, a qual, de certo modo, faz passar despercebida a “deformidade” provocada em seus corpos pela “erosão dos anos”. Desse modo, para o eu-lírico do poema, o processo de envelhecimento no ser humano – que dá origem a uma “inexplicável beleza” – diferencia-se do “espetáculo penoso” que se presencia diante de um animal velho, o que, na sua opinião, talvez possa provar a existência da alma humana.

Cabe salientar que as expressões “avozinhas trêmulas” e “velhos nodosos e graves como troncos” revelam dois estereótipos relacionados à velhice: um que enfatiza a fragilidade do ser humano envelhecido; outro que ressalta a imagem de circunspeção e retidão a ele atribuída pela *vox populi*.

O poema transcrito a seguir, intitulado “Os velhinhos”, também se ocupa do tema da “luz” como possível metáfora da alma humana (VSD, p. 901):

Como os velhinhos – quando uns bons
[velhinhos – são belos,
[apesar de tudo!
Decerto deve vir uma luz de dentro
[deles...
Que bem nos faz sua presença!
Cada um deles é o próprio avô
Daquele menininho que durante a vida
[inteira
Não conseguiu jamais morrer dentro de
[nós!

Os quatro primeiros versos mostram que a bondade dos velhinhos consiste numa beleza interior que – “apesar de tudo”, ou seja, a despeito do desgaste físico que leva à decadência do corpo – se sobressai ao invólucro que a contém, tornando-os uma boa companhia para os jovens. Já os três últimos remetem à frase dita por Mario Quintana a Hermes Rodrigues Nery acerca da criança que cada um traz dentro de si, ideia que parece se confirmar na voz de seu sujeito poético, pois este também acredita que em seu íntimo vive um “menininho que durante a vida inteira não conseguiu jamais morrer”.

Ao que parece, o sujeito poético dos três últimos textos analisados considera a beleza interior mais importante do que a beleza do corpo e o vigor físico, opinião que terá como contraponto o poema em prosa transcrito a seguir e intitulado “Dona Gertrudes” (PMT, p. 651):

Os seios de dona Gertrudes vão tremelizando como dois pudins de creme carregados numa bandeja...

As pernas de dona Gertrudes, torneadas como pernas de mesa de bilhar, também terminam nuns pezinhos ridiculamente minúsculos...

Imagino dona Gertrudes de biquíni e tapo os olhos.

O nome “Gertrudes”, uma vez antecedido pela expressão “dona”, indica que a mulher de quem se fala não é jovem. Ao comparar “os seios da dona Gertrudes” a “dois pudins de creme” em movimento, o texto sugere a flacidez de seu corpo e, portanto, os efeitos da passagem do tempo em sua aparência física. Do mesmo modo, ao descrever suas pernas como análogas às “pernas de uma mesa de bilhar”, o texto indica a perda das formas arredondadas que caracterizam o corpo feminino em sua juventude. Assim, segue-se à ridicularização do corpo de “dona Gertrudes” a rejeição de seu observador em relação a ela. Ao imaginá-la seminua, ele a repele, em vez de desejá-la. O texto indica, portanto, que nenhuma evolução, de ordem moral ou espiritual, é capaz de compensar a decadência física provocada no ser humano pelo processo de envelhecimento.

Diante do exposto, fica evidenciado que a velhice é focalizada pelo sujeito poético de Quintana de distintos pontos de vista. De acordo com o enfoque adotado em cada ocasião, o poeta lança

mão de diferentes recursos, conferindo à imagem do velho características que denotam ora o olhar irônico, ora o olhar melancólico e/ou perpassado de lirismo que o eu-lírico dirige ao idoso. Em alguns momentos, privilegiam-se os aspectos considerados negativos no envelhecimento e os preconceitos que incidem sobre o velho; em outros, ganham destaque as recompensas que o eu-lírico pode obter e as (re)descobertas que pode fazer enquanto sofre as metamorfoses implicadas nesse processo.

Os poemas analisados demonstram que envelhecer é, antes de tudo, trilhar um caminho que leva a adquirir experiência, elemento às vezes concebido como algo positivo e, às vezes, como algo dispensável. Além disso, envelhecer, em determinadas passagens, equivale a estar abandonado, esperando a chegada da morte, até porque, de acordo com o sujeito poético, o velho assemelha-se ao doente terminal. Aquele que sofre do “mal” chamado vida longa torna-se um indivíduo inativo e impotente, que, a rigor, já vivencia uma espécie de morte. Em compensação, a lírica de Quintana revela que envelhecer é manter viva a lembrança da casa em que se nasceu e vasculhar os esconderijos da própria memória, desejando ter de volta os brinquedos da infância; é ser “ainda o mesmo menino teimoso de sempre” e não perder a ca-

pacidade de sonhar nem de imaginar só porque se “envelheceu, um dia, de repente”. Tornar-se velho é preservar a “luz”, a “chama” que alimenta a vida, apesar da consciência de brevidade do tempo que resta ao corpo.

Envelhecer é, ainda, encontrar uma imagem ancestral no espelho onde se vê refletido o próprio rosto e, sobresaltado, enxergar nesse mesmo rosto “o tempo escorrer”; é reconhecer que se foi invadido, “ruga a ruga”, pelo “velho pai que já morreu” e resignar-se, afinal, diante de uma transfiguração que pode levar o ser humano ao reencontro com sua própria história, com suas próprias raízes; é ir, gradativamente, desiludindo-se e, com essa desilusão, obter uma “extraordinária sensação de alívio”. Assim, envelhecer para o eu-lírico da obra de Quintana é, também, tornar-se mais leve.

Considerações finais

A análise revela que a obra poética de Quintana – particularmente os poemas focalizados – elege como tema alguns aspectos relativos às condições físicas e à realidade social, psíquica e emocional do velho, expressando os conflitos que o eu-lírico experimenta quando constata e vivencia o seu próprio envelhecimento.

Ao longo do exame realizado, foi possível verificar que os poemas selecionados, por meio de diferentes

procedimentos e de distintas modelações, evidenciam o “susto” levado pelo eu-lírico “diante do espelho”, quando, ao perceber que está envelhecendo, demora a reconhecer sua identidade na imagem que observa. A dificuldade de reconhecimento por parte do indivíduo justifica-se, segundo Beauvoir, pelo fato de o envelhecimento ser um processo lento, gradual e silencioso, características que não permitem que o ser humano perceba com clareza as mudanças que vão ocorrendo com ele.

Ainda, de acordo com a filósofa, normalmente a revelação de nossa idade vem dos outros, “uma vez que em nós é o outro que é velho”. Essa ideia se confirma em alguns poemas selecionados, nos quais o eu-lírico somente reconhece estar velho ao constatar o envelhecimento de seus contemporâneos, que cumprem, nesse momento, a função desempenhada pelo espelho em outros textos poéticos.

Constatou-se também que o eu-lírico da obra de Quintana procura falar do envelhecimento – do próprio e do alheio – por meio da ironia e do lirismo, provocando no leitor ora o riso, ora o enternecimento. Além disso, o sujeito poético procede ao inventário das inúmeras perdas que lhe advêm com o fluir do tempo, porém tais consequências do envelhecimento não são concebidas por ele como prejuízos, mas como fatores capazes de tornar mais

leve sua caminhada rumo à última fase da vida. Assim, os poemas analisados, de um modo geral, evidenciam que saber envelhecer é aprender a se despojar das ilusões e das expectativas, o que, por consequência, pode livrar o sujeito poético de decepções.

Ficou evidenciado ainda que na *Poesia completa* de Quintana encontram-se inúmeros poemas que apontam para aproximações e distanciamentos existentes, na opinião do sujeito poético, entre infância e velhice. O eu-lírico quintaniano, embora tome consciência do próprio amadurecimento, não deixa de vasculhar os esconderijos da casa paterna e, por vezes, considera-se “o mesmo menino teimoso de sempre”, que “envelheceu um dia, de repente”. Contudo, ele reconhece a falta de cor que marca a velhice, em contraposição ao colorido que caracteriza a infância, admitindo, portanto, as diferenças entre essas duas fases.

Por fim, cabe concluir que a obra poética de Quintana aborda uma questão crucial para o indivíduo e para a coletividade, o que, de certo modo, elucida a relação que a literatura estabelece com a sociedade. Por meio da combinação de elementos selecionados na realidade social, psíquica e emocional do velho – bem como na percepção que ele tem de seu próprio corpo – e da introdução desses aspectos no universo poético, o eu-lírico expressa alguns

conflitos e aprendizados experimentados pelo ser humano na última fase da vida.

Abstract

A shock in front of the mirror: aging in the poetic works of Mario Quintana

Based on the thesis postulated by Simone de Beauvoir in *The coming of age* and with the literary anthropological concepts of Wolfgang Iser, we examine the way in which the lyric self in *Complete Works* by Mario Quintana tackles the question of human aging. The objectives of this study are: to analyze the operations and the procedures by which the selected poems incorporate the theme in focus; detect, in the poetic universe, relations established between the social status accorded to the elderly and the image that they make of themselves, identifying their physical and emotional characterization and, finally, to verify whether this evokes memories of childhood in old age. The analysis can say that, for the poetic subject, to age is to learn how to be someone else – seeing the world and themselves beyond the imposition of time and society. This learning, once acquired, is what preserves the elderly's ability to dream, despite the

short remaining time and the fears that invade this last period of life.

Key words: Poetry. Human aging. Mario Quintana.

Notas

- ¹ Mario Quintana faleceu em 5 de maio de 1994, aos 88 anos.
- ² MOREIRA, Carlos André. O lugar a que pertence o poeta. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 fev. 2006.
- ³ Em colaboração ao artigo: MOREIRA, Carlos André. O lugar a que pertence o poeta. *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 fev. 2006.
- ⁴ QUINTANA e sua criação maior: ele próprio. *Zero Hora*, Caderno Cultura, Porto Alegre, 18 fev. 2006.
- ⁵ Idem.
- ⁶ Idem.
- ⁷ Ao entrevistar Fernando Sabino, Hermes Rodrigues Nery cita esta frase, que, segundo conta, teria ouvido certa vez de Mario Quintana: “É preciso conservar a criança que se tem dentro de si”. Disponível em: <<http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/sabino.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2006.
- ⁸ Todos os poemas do autor citados neste capítulo foram transcritos da seguinte edição: QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. Para identificar as obras em que os textos estão incluídos, adotam-se as convenções: *Sapato florido* (SF); *Caderno H* (CH); *A vaca e o hipogrifo* (VH); *Espelho mágico* (EM); *Apontamentos de história sobrenatural* (AHS); *Da preguiça como método de trabalho* (PMT); *A rua dos cataventos* (RC); *Preparativos de viagem* (PV); *Esconderijos do tempo* (ET); *Velório sem defunto* (VSD).
- ⁹ Schopenhauer assim se manifesta sobre o assunto: “Durante a infância, a novidade das coisas e dos acontecimentos faz com que tudo se imprima em nossa consciência: assim, os dias parecem não ter fim. Do mesmo modo acontece, pelo mesmo motivo, parecer-nos mais longo um mês, quando estamos em viagem, do que quando estamos em casa” (apud BEAUVOIR, 1990, p. 461).

- ¹⁰ GRIMM, Jakob. *Os contos de Grimm*. Trad. de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 1989.
- ¹¹ Tal interpretação parece ser corroborada pelo próprio poeta, que, ao ver-se, de repente, sem casa, observou ironicamente: “Não tem importância. Moro dentro de mim mesmo...” (QUINTANA, 2005, p. 32).

Bibliografia

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 711 p.

BECKER, Paulo. *Mario Quintana: as faces do feiticeiro*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1996.

CARVALHAL, Tânia F. Quintana, entre o sonhado e o vivido. In: *Mario Quintana*. Autores Gaúchos (n. 6). 7. ed. 1997. Porto Alegre: IEL, 1984.

MOREIRA, Carlos André. O lugar a que pertence o poeta. *Zero Hora*, Caderno Cultura, Porto Alegre, p. 4-5, 18 fev. 2006.

NERY, Hermes Rodrigues. *Fernando Sabino: lições de vida de um menino*. Disponível em: <<http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevi/sabino.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

O ANJO disfarçado tinha jeito de guri e rosto de avô. *Zero Hora*, Segundo Caderno, Porto Alegre, 6 maio 1994.

QUINTANA e sua criação maior: ele próprio. *Zero Hora*, Caderno Cultura, Porto Alegre, 18 fev. 2006.

QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.